

# Cidades

**CORONAVÍRUS** O isolamento social deixou os animais mais à vontade. Menos gente nas ruas, menos poluição, eles reocuparam seus espaços: na área urbana, no ar e no mar

**MARIA LÍGIA BARROS**  
mligia@ne10.com.br

**A**tamak Alves, 34 anos, mora cercado pela vegetação do Parque Estadual Dois Irmãos, reserva de proteção integral da mata atlântica na Zona Norte do Recife. O bairro homônimo costura o cinturão verde da capital, que inclui o Curado, a Cidade Universitária e outros. Por essas características, a visita dos animais já era costumeira no local. Ainda assim, desde que teve início o isolamento social como medida para conter o novo coronavírus, Atamak passou a ouvir o canto de pássaros mais intensamente, e de espécies que até então não tinha escutado. “Provavelmente porque o barulho está sendo menor, a fumaça também”, supôs.



FLIPE JORDÃO/JC IMAGEM

## Natureza mais cheia de vida

Os relatos de visitas inesperadas – e muito bem-vindas – de animais são muitos, em todo mundo. Javalis foram avistados em Barcelona, na Espanha e um puma selvagem desfilou pelas ruas vazias de Santiago, no Chile.

Em Pernambuco, pouco mais de um mês após o início das restrições sociais, os efeitos já começam a ser sentidos na natureza. Em março, foi constatada a redução de 15% da emissão de gases no Complexo Industrial de Suape. A área central do Recife, considerada uma ilha de calor, esfriou de 3º a 4º C neste período de reclusão, segundo a bióloga Soraya El-Deir, professora de gestão ambiental da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Na semana passada, um cardume gigante de sardinhas apareceu pela primeira vez em nove anos na Bacia do Pina. Acontecimentos que evidenciam o forte potencial de recuperação que guarda o meio ambiente.

Soraya El-Deir conjectura algumas hipóteses que podem ajudar a entender a aproximação de espécies dos espaços urbanos. O primeiro ponto é que, por estar mais tempo em casa, o ser humano pode ter passado a escutar e observar melhor o seu entorno. “Estamos tendo mais tempo livre, com ócio produtivo muito mais significativo. Isso revela que a gente está tendo mais tempo para olhar ao redor e perceber a natureza”, levantou.

Ainda assim, é inegável que a presença humana é um fator inibidor para outros seres vivos. “Há animais que estão aparecendo pela baixa mobilidade do homem”, disse. Na hora que saímos de casa, outros organismos conseguem surgir. É o caso das algas marinhas nos corais. “À medida que não tem pessoas na praia, algas verdes, marrons, vermelhas e amarelas começam a povoar esse ambiente que estava muito degradado. E nesse momento chegam os pequenos animais, como crustáceos e moluscos”, revelou.

O alívio na poluição e a menor locomoção dos humanos também contribuem. “Isso faz com que o meio ambiente receba menor carga tóxica. O ar mais puro faz com que os animais sejam favorecidos na sua atividades”, contou Soraya El-Deir.

O zoólogo Pedro Nunes, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), levanta também o impacto da diminuição do barulho nas cidades. “Festas canceladas, bares fechados, menos carros... Os animais mais sensíveis a ruídos, que rejeitam os centros urbanos por isso, podem se sentir mais à vontade para se aproximar”, comentou.

Apesar de ser possível tecer hipóteses, ainda não há muita certeza sobre o assunto, defendeu. “Tudo isso que a gente está vendo é recente. Não dá para ver nada definitivo. Assim como a doença, sobre a qual a gente ainda está aprendendo, a mesma coisa são os efeitos do isolamento social. A gente nunca passou por isso, desde essa expansão populacional dos últimos anos”, reforçou.

As mudanças que vimos, disse ele, ainda não são estruturais, e levariam mais tempo para se consolidar. “Não está havendo nada definitivo. O que as pessoas estão percebendo é que os animais que estavam nas redondezas estão tomando mais coragem, se sentindo mais seguros pra entrar mais em lugares que não entravam antes”, ponderou.



**OLHAR** Capivaras, vistas com frequência pela cidade, foram flagradas até na Avenida Boa Viagem

JOÃO CASTELO BRANCO/DIVULGAÇÃO

### Para entregar animal silvestre é preciso agendar

Se animais silvestres aparecerem na sua rua ou no seu quintal – orienta o Centro de Animais Silvestres (Cetas Tangará) da Agência Estadual do Meio Ambiente (CPRH) – é preciso observar se estão próximos ao habitat natural. “Se, por exemplo, uma capivara estiver perto do rio, o ideal é deixá-la onde está. A não ser que o animal esteja machucado ou seja filhote perdido da mãe”, enfatiza o coordenador do Cetas Tangará, o biólogo Yuri Marinho. Nos últimos dias, capivaras foram vistas com mais frequência, inclusive atravessando a Avenida Boa Viagem, na Zona Sul do Recife, coisa inimaginável na rotina da cidade.

Devido à pandemia, o Cetas está recebendo apenas filhotes de animais, ou aqueles que estiverem feridos, ou ainda animais que se encontram em vias de extinção. A entrega voluntária deve ser feita no Cetas, no bairro de Guabirabara, Zona Norte do Recife, sob agendamento pelo número 3182-9022. Enquanto durar a quarentena, o telefone é exclusivo para agendar entregas voluntárias de animais silvestres que se enquadram nos casos citados.

Para Yuri Marinho, existem muitos animais silvestres em área urbana que não são percebidos no correr do dia a dia. “Eles estão presentes nas matas, nos rios, no mar, próximo onde moram pessoas. Nós representamos perigo para eles e, por isso, não se aproximam. Como estamos reclusos, eles estão aproveitando para explorar ruas, calçadas, quintais e jardins. Experimentam a área e avançam, quando se sentem seguros.”

Segundo o biólogo, as capivaras são da fauna urbana e nunca deixaram de estar na Avenida Beira-Rio (bairro da Torre, Zona Oeste do Recife). Também já foi possível observar um jacaré, que faz ninho naquela área. “Esses bichos que vivem às margens de rio sempre estão por ali. O Rio Tietê, em São Paulo, é cheio de capivara. Eles não precisam de mata. Precisam de um ponto de água e graminhas baixas”, esclarece.

Yuri conta ainda que animais como as capivaras sobrevivem próximo a centros urbanos porque são mais flexíveis. “Elas conseguem conviver com barulho. E são uma das poucas espécies que conseguem sobreviver, porque o espaço delas já foi bastante reduzido. Assim como guaxinins, preguiças, jacarés”, relata.

A cena também é comum em feriados prolongados. “É quando mais aumenta a quantidade de animais sendo entregues. Isso porque as pessoas não vivenciam a casa. Não veem o quintal. Quando voltam para casa observam iguana, preguiça e acham que não eles não pertencem àquele lugar. Quando o ambiente está mais tranquilo, os animais se sentem mais à vontade. As pessoas não estão acostumadas e trazem os que não precisam ser capturados.”

## Conservar ecossistemas

A bióloga Soraya El-Deir alerta para a necessidade de conservação dos ecossistemas quando a crise sanitária passar. As algas, por exemplo, não sobrevivem se forem pisadas. “As algas que fazem cobertura primária e servem de base de toda cadeia alimentar têm fatores limitantes como o pisoteio humano. Se a gente tiver política voltada para recomposição ambiental proibição do acesso a esses recifes, vai ter uma praia muito mais viva e intensa.”

A pesquisadora também destacou a importância de repensar e revisar o desenvolvimento urbano do Recife. O aumento de áreas verdes atrairiam pássaros e reduziriam as ilhas de calor. Ela ressaltou também a problemática do saneamento da cidade. “Temos 64 riachos urbanos dos quais, no início dos anos 70, foi tirada toda mata e colocado concreto. Chamamos de canais”, explicou. “Apenas cerca de 30% do esgoto coletado são tratados. 70% do esgoto vão direto in natura para os canais, e chegam até o mar. Essa quantidade de matéria orgânica é muito acima do que a natureza tem de capacidade de depurar.”

El-Deir citou um projeto da Alemanha que, no início dos anos 2000, retirou toda parte de concreto dos canais para recompor a mata ciliar. Com isso, a fauna e a flora voltaram a esses canais. “Imagina como seria o Recife se fizessem isso?”, sugeriu.

A via, resumiu, é pelo desenvolvimento sustentável. “O maior problema que a gente tem é o da percepção ambiental. A educação para a sustentabilidade demonstra claramente o que é um país desenvolvido. É aquele que consegue conciliar qualidade ambiental com qualidade de vida.”

Esse é o mesmo caminho apontado pelo secretário estadual de Meio Ambiente e



**MAR** Cardume de sardinhas apareceu no Pina

DIVULGAÇÃO

Sustentabilidade de Pernambuco, José Bertotti.

“Nossa perspectiva é fortalecer a política de preservação com foco de desenvolvimento sustentável, construir ambientes em que se possa produzir os bens necessários para os humanos, mas que se respeite o meio ambiente”, afirmou.

Isso passa pelo estabelecimento das áreas de preservação. “É um momento de tristeza no foco de enfrentamento do coronavírus, mas que demonstra a necessidade de ambientes protegidos cada vez mais reconhecidos. A gente tem 85 unidades de conservação em Pernambuco. A qualidade das áreas precisa ser assegurada para garantir que a natureza tenha seu espaço”, sustentou.

### Tábua de Marés



#### HOJE

00h30 ..... 2,0m      12h49 ..... 2,2m  
06h43 ..... 0,6m      18h17 ..... 0,3m



#### AMANHÃ

01h23 ..... 2,2m      13h41 ..... 2,4m  
07h34 ..... 0,4m      20h04 ..... 0,3m